



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 16 | Nº. 30 | Jan./Jun. de 2024

Wesley Oliveira Kettle

Universidade Federal do Pará/UFPA.

wesleykettle@ufpa.br

Entrevistadores/as

Eurípedes Antônio Funes

Universidade Federal do Ceará/UFC

eufunes@terra.com.br

Gabriel Pereira de Oliveira

Instituto Federal do Rio Grande do Norte/IFRN

gabrielperoli@gmail.com

Ana Isabel Cortez Reis

Universidade Regional do Cariri/URCA

anaisabel.reis@urca.br

ENTREVISTA COM WESLEY KETTLE

RESUMO

Esta edição da Revista Historiar traz uma entrevista com o professor Wesley Oliveira Kettle, da Universidade Federal do Pará/UFPA, *campus* Ananindeua. Ao longo da entrevista, o professor Kettle nos conta um pouco de sua trajetória e da experiência com a História Ambiental a partir da Amazônia, incluindo as discussões sobre os desafios desse campo, sobre ensino de História e sobre seu Grupo de Pesquisa “História e Natureza”.

Palavras-chave: História; História Ambiental; Amazônia.

INTERVIEW WITH WESLEY KETTLE

ABSTRACT

This edition of Revista Historiar features an interview with professor Wesley Kettle, from the Federal University of Pará/UFPA, Ananindeua campus. Throughout the interview, Professor Kettle tells us a little about his trajectory and experience with Environmental History from the Amazon, including discussions about the challenges of this field, about teaching History and about his Research Group “History and Nature”.

Keywords: History; Environmental History; Amazon.

Nos últimos anos, a História Ambiental vem ganhando aos poucos mais espaço na produção historiográfica no Brasil. Além da contribuição crescente dos trabalhos para incluir a dimensão ambiental na compreensão histórica, outro esforço também de importância fundamental tem sido em relação a um ensino de História que leve em conta o quanto as experiências humanas não ocorrem em um vazio ou tendo o restante da natureza como um mero cenário, mas que ocorrem em meio a uma trama a envolver uma infinidade de fatores ambientais, agentes não-humanos na história. Isso é de suma relevância não somente para ampliar a compreensão histórica em si, mas também para construir um ensino de História cada vez mais envolvido com a demanda urgente da questão ambiental, em especial em sua face climática.

Nesse sentido, entrevistamos aqui o professor Wesley Kettle, da Universidade Federal do Pará/UFPA no *campus* Ananindeua, doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde defendeu em 2015 a tese “Ciclopes e profetas no Vale Amazônico: visões de Natureza no tempo das demarcações (1750-1799)”. Além de contribuir com eventos acadêmicos e com a edição do site “História e Natureza” (<www.historiaenatureza.blogspot.com>) para a divulgação e aprofundamento das discussões de História Ambiental, Wesley Kettle leciona também atualmente nos Programas de Pós-Graduação de Ensino de História e da Rede Nacional para o Ensino de Ciências Ambientais, na Universidade Federal do Pará.

Nesta entrevista, o professor Wesley Kettle nos conta um pouco de sua trajetória e da experiência com a História Ambiental a partir da Amazônia, incluindo as discussões sobre os desafios desse campo, sobre ensino de História e o grupo de pesquisa que ele coordena e que é aberto, também, a pesquisadores de outras partes do Brasil interessados no tema.

- Para iniciarmos esta entrevista, gostaríamos de saber como você chegou à História Ambiental?

Wesley Kettle: Eu conheci a história ambiental estudando os textos para a seleção do Mestrado em História Social na UFPA. Naquela altura eu ainda não entendia a História Ambiental como uma área de conhecimento específica. O PPHIST-UFPA contava com uma Linha de Pesquisa denominada História e

Natureza. Particpei das disciplinas dessa Linha e foi aí que eu pude ter contato mais direto e consistente com as leituras sobre História Ambiental. Meu projeto de pesquisa tinha como objetivo analisar um inventário de plantas e animais escrito no período colonial na Amazônia. Durante as orientações eu pude aprofundar as discussões sobre esse campo de investigação. Foi então que eu criei o Blog História e Natureza.com com o objetivo de guardar para mim reflexões sobre a relação entre sociedade e meio ambiente; logo depois eu pensei em divulgar o conteúdo que eu e outros autores e autoras escreviam no blog.

- Como você enxerga a importância dos estudos em História Ambiental no atual contexto do país e em especial para a Amazônia?

Wesley Kettle: Diante da crise climática que estamos experimentando e o ataque contra o discurso ecológico por parte de setores que comandam a política e a economia, eu considero que a História Ambiental se apresenta como uma das principais e mais importantes formas de estudar o passado. Temos a oportunidade de nos aproximar do chamado grande público ao contribuir não apenas com nossos estudos sobre os problemas ambientais ao longo do tempo, mas também falar da poesia da natureza, dialogar com outras áreas do conhecimento e os mistérios da vida na Terra. Eu acredito que a História Ambiental fortalece uma História Pública capaz de sensibilizar o público dentro e fora das universidades. Outro ponto que considero importante é a contribuição da História ambiental para o Ensino de História. As grandes companhias de massa como os estúdios Disney e Pixar, informados pelos estudos neurocientíficos, já perceberam que produzir enredos em que as plantas, animais não-humanos e outros elementos da natureza como protagonistas são melhores recebidos pelo público, alcançando marcas milionárias com a venda de ingressos e produtos. Por quais motivos nós, professores de história, insistimos em deixar de fora das nossas aulas os mamíferos, pássaros, peixes e outros animais? Principalmente, os cães e gatos que tanto as crianças gostam. Considero que a História Ambiental é uma perspectiva capaz de tornar o ensino de história significativo, lúdico e, ao mesmo tempo, discutir problemas ambientais e, principalmente, questionar as ações predatórias empreendidas pelo sistema capitalista no planeta. Agora que a Amazônia desponta como principal tema,

sendo discutido no âmbito nacional e sendo uma preocupação mundial, é muito importante incentivarmos uma história ambiental da Amazônia. A história ambiental permite discutirmos como as atividades humanas, como desmatamento, agricultura, mineração e urbanização, têm impactado o ecossistema amazônico ao longo do tempo. Isso inclui a análise de como essas atividades alteraram a biodiversidade, os recursos hídricos e os ciclos de nutrientes. A Amazônia é habitada por diversas comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas que possuem conhecimentos originários valiosos sobre a gestão sustentável da natureza. A história ambiental valoriza e integra esses conhecimentos, promovendo práticas de conservação que respeitam e incorporam os saberes locais.

- Quais os maiores desafios que você considera para o campo da História Ambiental, inclusive no contexto de uma História Ambiental desde a Amazônia?

Wesley Kettle: O campo da História Ambiental, especialmente no contexto da Amazônia, enfrenta vários desafios significativos. Podemos pensar na abordagem interdisciplinar como um importante desafio na medida em que são poucos os cursos de graduação e pós-graduação que incluem em seu desenho curricular opções para os alunos obterem uma formação que englobe áreas como ecologia, geografia, antropologia, economia, arqueologia e outras ciências. Integrar essas diferentes disciplinas pode ser complexo e desafiador, especialmente ao tentar criar narrativas coesas e compreensíveis. Outro desafio é o financiamento de pesquisas que questionem grandes empresas e governos que destroem o ambiente ou até mesmo critiquem a atuação de personagens históricos considerados políticos e patronos do progresso, mas que contribuíram para os problemas ambientais. Como disse Chico Mendes: “Ecologia sem luta de classes é jardinagem”. É igualmente desafiador escrever uma história ambiental anticolonial (ou decolonial) como nos ajuda a pensar Malcom Ferdinand e Antônio Bispo dos Santos. Uma história que questione interpretações eurocêntricas e com diálogo quase exclusivamente com autores estadunidenses. É preciso olhar para outros pontos do planeta. É preciso dar protagonismo aos indígenas, amazônidas, mulheres, negros, negras, quilombolas, ribeirinhos. É importante estabelecer relação entre os

ambientalismos e os feminismos. É fundamental historiadoras e historiadores pretos, periféricos e indígenas, de modo que a percepção seja cada vez mais diversa. A história ambiental precisa abordar as desigualdades sociais, racismo ambiental, as injustiças ambientais, especialmente em relação às comunidades marginalizadas que são mais afetadas pelas degradações ambientais e têm menos voz nas decisões políticas.

- Em conjunto a isso, partindo do pressuposto de que o fazer-se da história ocorre partindo sempre de questões de seu tempo presente, como você considera que a História, de um modo geral, e a História Ambiental, em específico, podem contribuir e ser repensadas em meio ao atual cenário do chamado Antropoceno?

Wesley Kettle: A noção de que a história é sempre escrita a partir das questões e preocupações do tempo presente é fundamental para compreender como a História, e especificamente a História Ambiental, podem ser repensadas no contexto atual que parte considerável dos pesquisadores chama de 'Antropoceno'. Repensadas para não sermos investigadores ingênuos, ao mesmo tempo atentos às demandas da sociedade. Podemos perceber que Congressos de História, como a ANPUH Nacional, ainda não perceberam a importância do tema ambiental para a formação dos professores, seus encontros resistem em tratar como tema principal dos Encontros. Quando incluem o tema ambiental, não é central. O Programa de Pós-graduação em Ensino de História, o PROFHISTÓRIA em sua rede nacional, não conta com uma disciplina (mesmo que eletiva) que dialogue com temática ambiental – mostrando pouca atenção para a discussão fundamental no que se refere à vida da espécie humana no planeta. Como já falei anteriormente, a História e a História Ambiental devem ser repensadas em diálogo com outras áreas do conhecimento para resposta às demandas de questões como a crise climática. A História Ambiental deve questionar e reavaliar as narrativas predominantes sobre o impacto humano no planeta. Isso inclui analisar criticamente como diferentes sociedades ao longo do tempo têm interagido com seus ambientes e as implicações dessas interações. Peço licença para criticar a expressão 'Antropoceno' que está longe de ser unânime entre os cientistas. O conceito de Antropoceno pode ser criticado por seu eurocentrismo e por homogeneizar a experiência humana, não

reconhecendo adequadamente as disparidades regionais e culturais nas contribuições para as mudanças ambientais. As comunidades indígenas, por exemplo, têm práticas de manejo da terra que são significativamente diferentes das práticas industriais do Ocidente. É muito importante sempre mostrarmos que há outras expressões como: Capitaloceno, Tecnoceno e Plantationoceno. Elas destacam a ligação entre colonialismo, racismo e destruição ambiental. Questionar e refinar o conceito de Antropoceno pode levar a uma compreensão mais precisa e inclusiva das dinâmicas humanas e ambientais em jogo.

- Você tem desenvolvido uma série de estudos e ações voltados às articulações da História Ambiental com o ensino de História. Como você percebe a presença da História Ambiental nas escolas do país, inclusive na Amazônia? Quais os desafios? O que você acha que seria interessante para ampliar essa discussão nas escolas e o diálogo com as pesquisas de História Ambiental?

Wesley Kettle: A perspectiva ambiental da história nas escolas brasileiras, inclusive na Amazônia vem ganhando atenção gradualmente. No entanto, há desafios significativos a serem enfrentados para integrar efetivamente essa disciplina no currículo escolar. No Pará, por exemplo, por causa do advento da COP 30 que ocorrerá em Belém, o governo criou uma disciplina específica voltada para a Educação Ambiental. Em 2016 eu iniciei um projeto de pesquisa que buscou investigar em que medida as professoras e professores de história que atuavam no ensino básico no município de Ananindeua (zona metropolitana de Belém-PA) consideravam o debate ambiental em suas aulas. As respostas reconheciam a falta de formação na graduação para que eles pudessem fazer esse tipo de abordagem. Responderam que a natureza aparecia apenas em feiras culturais, dia dos povos indígenas, dia da água, dia da árvore, entre outras efemérides. Portanto, eu concluo que a História Ambiental ainda é pouco explorada nas escolas brasileiras. Na Amazônia, tenho escutado de colegas professores da escola básica que a discussão ambiental é papel dos docentes de biologia, ciências e até mesmo geografia. Por isso os professores de história não precisariam se preocupar com essa discussão. Considero um desafio formar novos profissionais que sejam capazes de discutir em todas as aulas, em todos os conteúdos a dimensão ambiental da história. Outro desafio é incluir a história

ambiental como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores. Mas essas iniciativas não são bem-vistas pelos agentes do capital que não querem que seja aguçado nos jovens o espírito ecológico crítico, para que seus planos de “passar a boiada” não sejam questionados. Para ampliar essa discussão nas escolas e o diálogo com as pesquisas de História Ambiental, é importante o incentivo de materiais didático inovadores, como jogos e recursos digitais, que incluam ainda mais o debate ambiental, considerando as diferentes regionalidades. A promoção de formação continuada de professores, no formato online, pode contribuir para a discussão nas escolas. Incentivar projetos que envolvam a comunidade local, especialmente nas áreas da Amazônia, para que os alunos possam aprender sobre a história ambiental de sua própria região através de experiências práticas e participativas. Penso que docentes e pesquisadores do campo da história ambiental podem desenvolver atividades de extensão de modo que os resultados de pesquisa sejam oferecidos aos docentes do ensino básico.

- Gostaríamos de finalizar essa conversa pedindo para você falar um pouco do Grupo de História e Natureza do campus Ananindeua da UFPA, o GRHIN, que você coordena. Você poderia falar um pouco como funciona o grupo, como ele tem contribuído para seus trabalhos e quem pode participar do grupo, inclusive se é aberto a pessoas de outras partes do país. E se há grupos similares em outras IFES na Amazônia?

Wesley Kettle: O Grupo de Pesquisa História e Natureza da Universidade Federal do Pará foi criado com o objetivo de reunir pesquisadoras e pesquisadores interessados na discussão Sociedade – Natureza que atuam em diferentes áreas do conhecimento. O GRHIN é formado por graduandos, pós-graduandos e profissionais. Apesar de a maioria dos membros residirem na Amazônia, contamos com a participação de pesquisadores da região Sul, Sudeste e Nordeste, o que garante uma diversidade significativa para as discussões que desenvolvemos. Apesar de realizarmos algumas atividades presenciais, a maioria delas tem sido no formato online – considerando a participação dos colegas de outras regiões do país e de fora do Brasil. O grupo tem contribuído para pensarmos atividades de pesquisa e extensão, especialmente discutindo a Amazônia. Outra contribuição se faz no incentivo de

que os membros continuem sua trajetória acadêmica desenvolvendo projetos de pesquisa no mestrado e doutorado investigando temas ambientais, inclusive no âmbito do ensino. O material audiovisual produzido pelo grupo está disponível no canal Historix no YouTube (www.youtube.com/historix). Temos publicado artigos científicos e livros que podem ser adquiridos por meio de nossas redes sociais. O grupo é aberto ao público e podem participar das atividades todos os interessados na temática ambiental, estando na Amazônia ou não, serão bem-vindos. Queremos que essa seja nossa marca, um grupo de divulgação científica que receba todos aqueles que queiram debater História e Natureza. Para se inscrever podem escrever para grhin@ufpa.br ou entrar em contato pelo Instagram [@grhin.ufpa](https://www.instagram.com/grhin.ufpa). Até agora não temos tido notícias de outros grupos de pesquisa na Amazônia, mas temos todo interesse em contribuir com novas iniciativas nesse campo. Encerro agradecendo o convite generoso que os organizadores desta edição me fizeram. Sinto-me honrado! Agradeço a oportunidade de divulgar o trabalho que temos **realizado** no âmbito da História Ambiental na Amazônia, ressaltando que o sucesso que temos alcançado acontece, principalmente, pelo esforço de cada um dos companheiros e companheiras do grupo que não medem esforços para o avanço dos estudos de história ambiental na Amazônia.

Wesley Oliveira Kettle

Professor do Programa de pós-graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, PROFHISTÓRIA. Professor Adjunto da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará (Campus Ananindeua). Doutor em História Social (UFRJ), com doutorado-sanduíche na Universidade Nova de Lisboa (2014). Mestre em História Social da Amazônia (PPHIST-UFPA). Especialização em Patrimônio Histórico e Artístico (FAU-UFPA). Bacharel e Licenciado em História (UFPA). Líder do Grupo de Pesquisa em História e Natureza. Editor do site 'História e Natureza' (www.historiaenatureza.blogspot.com).

Áreas de pesquisa: História Ambiental | História da Ciência | Amazônia colonial | Patrimônio Histórico e Artístico.

Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/9421187953739248>

Eurípedes Antônio Funes

Possui doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1995) e Pós-doutorado pela UNICAMP (2003). Atualmente é professor Associado da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Colônia e Império, história e meio ambiente, atuando principalmente nos seguintes temas: escravidão, comunidades quilombolas, identidades, natureza e cultura e movimentos sociais.

Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/0105053283747562>

Gabriel Pereira de Oliveira

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (2012), mestrado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2015) e doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2020). Atuou como professor da Secretaria da Educação do Estado de Alagoas na cidade de Piaçabuçu. Hoje, atua como professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), campus Pau dos Ferros. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Império, história e rios, História Ambiental, história e clima, história da cartografia

Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/2860663097288713>

Ana Isabel Cortez Reis

Doutora em História pela Universidade Federal do Ceará (2015). Atualmente é professora Adjunto K do Departamento de História da URCA, do ProfHistória URCA e do Programa de Pós graduação em História (PPGH/UFC). É membro do INCT Proprietas e duas vezes foi Bolsista BPI da Funcap. Desenvolve pesquisas com historiadores nacionais e internacionais. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Império e História Social.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3792207396709806>

Entrevista recebida em: 30 de julho de 2024.

Entrevista aprovada em: 30 de julho de 2024.